

seguido pelo governo até agora é apenas um desvio que acabará dando no programa de transformações sociais profundas que o partido prometia. Já na derrota do PT na disputa para a presidência da Câmara dos Deputados, argumentando que o vitorioso, Severino Cavalcanti, do PP, também era da *base aliada*, o presidente Lula tentou separar o seu destino do de seu partido. No início da crise provocada pelas denúncias de Jefferson, adotou um comportamento semelhante: mandou dizer que eram acusações contra o Partido dos Trabalhadores e

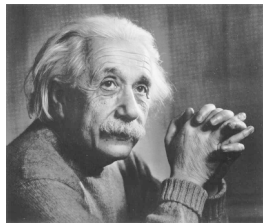
não contra o governo que dirige.

É pouco provável, no entanto, que o presidente tenha êxito numa manobra desse tipo. Ainda mais à sua direita, forças expressivas – que no seu tempo de poder esconderam escândalos do tipo dos alardeados por Jefferson e agora se empenharam em trazê-los e mantê-los bem visíveis para a chamada opinião pública –, pretendem usar ao máximo a ligação indiscutível entre ele e o PT para fazê-los sangrar abundantemente. Pelo menos até impedir a reeleição de Lula em 2006. ■

Ciência

A democracia do dinheiro

Einstein era mais que um sábio: sabia que o grande capital corrompe a política



Albert Einstein não foi apenas o gênio da física cujos trabalhos básicos têm agora seu c e n t e n á r i o (veja Nada é

relativo, à p. 49). Foi também um militante das causas progressistas. Quando eclodiu a 1ª Guerra Mundial ele era simpatizante do primeiro grande partido operário da história moderna, o Partido Social Democrata Alemão. Mas tomou posição ao lado de radicais, como Lênin, que consideraram o apoio da social-democracia à guerra uma traição aos ideais dos trabalhadores. Uma centena de cientistas, entre os quais o famoso físico Max Planck, tinha assinado um manifesto social-democrata que endossava os esforços belicistas da burguesia alemã numa linguagem que se antecipava ao jargão nazista posterior. O manifesto dizia que a guerra era justificável como uma resistência às “hordas russas”, aos “mongóis” e “negros” que haviam sido despejados “contra a raça branca”. Apenas Einstein e três outros cientistas menos conhecidos contestaram o “Manifesto ao Mundo Civilizado”, do PSD alemão, dizendo que ele era uma vergonha.

É oportuno destacar também o texto de Einstein para o primeiro número da *Monthly Review* (ao alto, o editor da publicação, Paul Sweezy, à direita; e Einstein), publicação de esquerda americana, que tem o título de “Porque o Socialismo” e foi publicado em maio de 1949. Einstein diz que as sociedades capitalistas são uma comunidade de produtores na qual uma das partes está permanentemente tomando da outra os frutos do trabalho coletivo – não pela força, mas por mecanismos legais bem estabelecidos. Ele diz: “Em nome da simplicidade, na argumentação que se seguirá, chamarei de ‘trabalhadores’ todos os que não participam da propriedade dos meios de produção (...) O ponto essencial nesse processo é a relação entre o que o traba-

lhador produz e o que lhe é pago, ambos medidos em termos de valor real. Na medida em que o contrato de trabalho é ‘livre’, o que o trabalhador recebe é determinado não pelo valor real dos bens que produz, mas por suas necessidades mínimas e pelas demandas dos capitalistas por mão-de-obra e da relação dessa demanda com o número de trabalhadores competindo por trabalho”. A partir daí, Einstein conclui: “O capital privado tende a se concentrar em poucas mãos, em parte em função da competição entre os capitalistas e em parte porque o desenvolvimento tecnológico e a crescente divisão do trabalho encorajam a formação de grandes unidades de produção às custas das unidades pequenas. O resultado desse desenvolvimento é uma oligarquia de capital privado, cujo enorme poder não pode ser efetivamente controlado mesmo por uma sociedade política democraticamente organizada. Isso é verdade na medida em que os membros do corpo legislativo são selecionados por partidos políticos largamente financiados ou influenciados pelos capitalistas privados (...)”.

No artigo, Einstein diz que a solução para o problema da concentração do poder nas mãos dos capitalistas é uma sociedade socialista na qual os meios de produção sejam propriedade coletiva. Einstein não era um ingênuo de achar que essa formulação era uma solução mágica. “No entanto, é preciso lembrar que uma economia planejada não é ainda o socialismo (...). A conquista do socialismo requer a solução de alguns problemas socioeconômicos difíceis: como será possível, em vista da centralização do poder político e econômico, evitar que se forme uma burocracia toda poderosa e que espione a todos?” Einstein conclui, saudando a *Monthly Review*: “A clareza a respeito dos objetivos e problemas do socialismo é de grande significado em nossa era de transição. Assim, nas atuais circunstâncias, em que uma discussão livre e aberta desses problemas está cerceada por barreiras, considero a fundação dessa revista como um importante serviço público”. Com umas poucas adaptações, diríamos que se trata de uma avaliação válida para o Brasil e para nossos dias. ■